



ENCRUZANÁLISE: NOTAS SOBRE UMA CLÍNICA EXUÍSTICA

Deivison Warlla Miranda¹

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, PI, Brasil

Antônio Vladimir Félix-Silva²

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, PI, Brasil

Resumo: Este ensaio parte de uma matriz crítica à psicologia hegemônica que tem operado seus saberes-fazeres a partir de perspectivas teórico-metodológicas oriundas de uma matriz eurocêntrica e reproduzido processos de colonização das subjetividades, ainda que se creia progressista e ancorada nos direitos humanos. Para substanciar esta crítica, pedimos agô a Exu como intercessor que dinamiza forças e encarna nos corpos em saberes e fazeres de contracolônização das subjetividades que, historicamente, são analisadas a partir de um prisma de pensamento monológico, eurocêntrico e eu-cêntrico. Como tarefa de ampliar caminhos, as encruzilhadas de Exu são tomadas como *mote* epistêmico, ético, metodológico para construir uma clínica atenta às dimensões de intercessão, dos cruzos, da co-produção e diferença. O

¹ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba, psicólogo pela Universidade Federal do Piauí, Especialista em Filosofia Contemporânea pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Especialista em Direitos Humanos e Contemporaneidade pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Conselheiro do Conselho Federal de Psicologia (2025-2028). E-mail: deivisonmiranda@ufpi.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8544-7335>

² Doutor em Ciências Psicológicas pela Universidade de Havana/Cuba. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (PPGpsi/UFDPar). E-mail: wladylfex@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3084-379X>



que permite tanto uma análise mais ampla e ancorada nas multiplicidades dos encontros dos caminhos, quanto uma clínica que co-cria pluralizações de caminhos, de saídas, de invenção de possíveis. Nomeada como Encruzanálise, esta proposta de clínica exuística se constitui como aposta de matar a clínica colonizada-colonizadora ontem, com uma pedra que só lançamos hoje.

Palavras-Chave: Clínica; Encruzilhadas; Exu; Contracolônização.

“ENCRUZANÁLISE”: NOTES ON AN EXUISTIC CLINIC

Abstract: This essay is based on a critical matrix at hegemonic psychology, which has operated its know-how from theoretical-methodological perspectives originating from a Eurocentric matrix and reproduced processes of colonization of subjectivities, even though it believes itself to be progressive and anchored in the human rights. To substantiate this critique, we ask for permission Exu as an intercessor who energizes forces and embodies in the bodies knowledge and actions of counter-colonization of subjectivities that, historically, have been analyzed from a prism of monological, Eurocentric and self-centric thinking. As a task of expanding paths, Exu's crossroads are taken as an epistemic, ethical and methodological motto to build a clinic attentive to the dimensions of intercession, crossings, co-production and difference. This allows both a broader analysis anchored in the multiplicity of encounters of paths, as well as a clinic that co-creates pluralizations of paths, exits, and the invention of possibilities. Named as Encruzanálise, this proposal for an exuistic clinic is a bet to kill the colonized- colonizer clinic of yesterday, with a stone that we only throw today.

Keywords: Clinic; Crossroads; Exu; Countercolonization.



ENCRUZANALISIS: NOTAS SOBRE UNA CLÍNICA EXUÍSTICA

Resumen: Este ensayo parte de una crítica a la psicología hegemónica que ha operado su saber y su modo de hacer por medio de perspectivas teóricas y metodológicas cuya matriz es eurocéntrica y ha reproducido procesos de colonización de las subjetividades, aunque se cree progresista y anclada en la defensa de los derechos humanos. Para fundamentar tal crítica, pedimos permiso a Exú como intercesor que dinamiza las fuerzas y encarna en los cuerpos un saber-hacer de contra colonización de las subjetividades que, históricamente, son analizadas desde un prisma de pensamiento monológico, eurocéntrico e yo-céntrico. Como tarea de ampliar caminos, las encrucijadas de Exú se toman como *ethos* epistémico, ético, metodológico para construir una clínica atenta a las dimensiones de intercesión, de los intercambios, de la co-producción y diferencia. Esto permite tanto un análisis más amplio anclado en las multiplicidades de caminos, como una clínica que co-crea pluralizaciones de caminos, salidas y la invención de posibles. Denominada de Encruzanalisis, esta propuesta de clínica exuística es una apuesta en la muerte de la clínica colonizada, se trata de matar a la clínica colonizada-colonizadora ayer, con una piedra que recién lanzamos hoy.

Palabras-clave: Clínica; Encrucijada; Exú; Contracolonización.

ENCRUZANALYSE : NOTES SUR UNE CLINIQUE EXUISTIQUE

Résumé: Cet essai s'appuie sur une matrice critique de la psychologie hégémonique qui a opéré ses savoirs-faires à partir de perspectives théorique-méthodologiques issues d'une matrice eurocentrique et a reproduit des processus de colonisation des subjectivités, bien qu'elle se croie progressiste et ancrée dans les droits humains. Pour fonder cette critique, nous



demandons autorisation à Exu comme intercesseur qui dynamise des forces et s'incarne dans les corps à travers des savoirs et des pratiques de contre-colonisation des subjectivités, qui, historiquement, sont analysées à partir d'un prisme de pensée monologique, eurocentrique et égocentrique. Comme tâche d'élargir les chemins, les carrefours d'Exu sont pris comme mot épistémique, éthique, méthodologique pour construire une clinique attentive aux dimensions d'intercession, des croisements, de la co-production et de la différence. Cela permet à la fois une analyse plus large et ancrée dans les multiplicités des rencontres des chemins, et une clinique qui co-crée des pluralisations de chemins, de sorties, d'invention de possibles. Nommée Encruzanálise, cette proposition de clinique exuística se constitue comme un pari de tuer la clinique colonisée-colonisatrice d'hier, avec une pierre que nous lançons seulement aujourd'hui

Mots-clés: Clinique; Carrefour; Exu; Contrecolonisation.

QUAIS PSICOLOGIAS? PSICOLOGIAS PARA QUE(M)?

A história ocidental da Psicologia atribui seu nascimento aos laboratórios de Wilhelm Wundt em meio a uma influência positivista nítida, enquanto as origens da Psicologia Clínica remontam ao divã do aclamado psicanalista austríaco Sigmund Freud. Em termos epistêmicos e metodológicos, a matriz da clínica é majoritariamente eurocêntrica, o que alcança os dias atuais nas chamadas *abordagens teóricas* que orientam as práticas psicológicas e são oriundas sobretudo do eixo europeu e, mais recentemente, dos Estados Unidos (Nogueira, 2019) com uma presença massiva de autoras(es) brancas(os) e teorias-práticas que elevam análises



situadas nas realidades sociais e existenciais europeias à condição de universais.

Este processo sedimentou e, muitas vezes, ainda sedimenta a transposição e repetição a-críticas de saberes e fazeres embevecidos de uma ilusão de conhecimento e subjetividades transparentes, às quais paira um enquadre abstrato e puro de conhecimento, supostamente permitindo condições de replicabilidade – independentemente de contextos históricos, geográficos, sociais, econômicos. Nesse sentido, cabe reverberar as críticas do martinicano Édouard Glissant (2021) que aponta a forma como esta ilusão de transparência silencia a opacidade das vidas em diferença, ao preço de manutenção de seres e saberes nos espaços hegemônicos de dominação.

No Brasil, tal hegemonia pode ser constatada pelo Censo da Psicologia Brasileira, produzido pelo Conselho Federal de Psicologia-CFP (2022), que traz no segundo volume o apanhado de respostas de cerca de 20 mil psicólogas(os/es) acerca dos autores de base de suas práticas. Dos(as) 21 autores(as) citados(as) 90,5% são advindos do eixo Europa-Estados Unidos da América, com apenas 9,5% do Brasil. Destes, 95,3% são pessoas brancas, totalizando 20 autores(as) e apenas 1 negro.

Este fato, de forma alguma, demarca mero fator de "preferência epistêmica", como defendem alguns psicólogos. Esse processo parte de um emaranhado de dominação da branquitude europeia ao autoeleger seu pensamento como centro e relegar aos outros saberes a uma condição de apagamento e silenciamento (Carneiro, 2023). Esse processo sustentou a maneira como os saberes-fazeres (incluindo aqui a Psicologia) estavam comprometidos com uma agenda colonial fantasiada de cientificidade, em consonância com o afastamento de saberes não-europeus, lidos como pseudocientíficos (Santos, Elisabete F., 2023).



Sem dúvida, a Psicologia, há muito tempo, se constituiu como ciência que se ocupava em adaptar, ajustar, corrigir, adequar subjetividades a partir de uma definição entre normal e anormal (Foucault, 2002; Nascimento; Mandelbaum, 2020). Apesar de se constituir enquanto parâmetro de definição dos processos de saúde e doença, a psicologia enquanto ciência da norma definia seus parâmetros etiológicos a partir de um caráter moral e colonizador-civilizatório, a partir de uma régua que tinha na vivência branco-europeia sua base definidora. Assim, a norma utilizada por essa concepção de psicologia sempre foi baseada em um modelo de subjetividade branco, masculino, cis, hetero, cristão, europeu, burguês.

Uma das mais importantes referências da *Psicologia Preta*, Wade Nobles (2009) aponta como a psicologia enquanto disciplina da norma foi utilizada como uma ferramenta de dominação de corpos, a serviço da colonização que sempre foi base para a supremacia branca. Isso foi/é feito de maneira dupla, desde as contribuições psicológicas para uma agenda de atribuição de outridades aos silêncios em relação às dinâmicas da brancura e branquitude, o que define relações de inclusão e exclusão a partir de parâmetros autorreferentes, nos quais tudo que não é um Eu (branco, masculino, cis, hetero, cristão, europeu, burguês) é alocado na condição de um outro, que precisa se ajustar. E nesse imperativo de ajustamento, a psicologia clínica, advinda dessas referências, incidiu suas práticas, ainda que protegida por embalagens e maquiagens discursivas em torno de expressões como cuidado, acolhimento e saúde mental.

Este processo foi bem descrito no clássico livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* de Frantz Fanon (2020) em que o autor situa a maneira como era impossível conceber uma ontologia (como um estudo do ser) em meio um processo colonial que definia a existência do ser a partir de parâmetros epidérmicos, no qual para conseguir ser a pessoa negra tinha que conquistar o



seu ser em um mundo branco que o negava, submetia, reduzia. Essas práticas, baseadas na ordem do ôntico (raça, cor da pele, cultura, religião e etnia), são nomeadas por Sueli Carneiro (2023) enquanto interdições dos dispositivos da racialidade, às quais impõem aos corpos racializados operações a condição de não-ser, monstruosidade e negação de suas multiplicidades.

Como desdobramento desta lógica, as aplicações práticas da psicologia se enveredam, majoritariamente, para a escuta das elites em seus problemas íntimos, a lembrar que é recente a popularização da clínica psicológica, pois há décadas se constitui como prática acessível apenas a uma parcela da população bem abastada (Moreira; Romagnoli; Neves, 2007).

Em suma, a psicologia hegemônica no Brasil tornou-se herdeira de um colonialismo epistêmico e, conseqüentemente, de suas normas morais e unitárias. Este processo fez com que, inicialmente, a psicologia, enquanto ciência e profissão, fosse, em última instância, uma psicologia europeia no Brasil, servindo aos interesses da branquitude na busca do fundamento científico para a definição de uma normalidade que desconsiderava aspectos raciais, de gênero e sexualidade, classe e lugar para forjar uma suposta substância psicológica abstrata, metafísica, transparente na teoria, mas na prática racista, sexista e heteronormativa.

A reprodução *ipsis litteris* de modelos teórico-metodológicos do cenário “euroamericano” (Nogueira, 2019, p. 11) no mais catastrófico modo “pele negra, clínicas brancas”, além de não respeitar as especificidades da vivência negra e a necessidade de afrorreferenciar as análises (Nobles, 2009), contribui para a manutenção dos processos de branqueamento das subjetividades. As colonizações da subjetividade se refletem em certos modos de fazer clínica, nos quais o discurso *psi* referenda, fundamenta e justifica a descoletivização, a individualização, a culpa, a inferioridade com base no ideal de Eu hegemônico.



Não obstante, não há como reconhecer a trama das brasilidades sem pautar a grande e movediça ação dos processos de colonização nas produções de subjetividade (individuais e coletivas). A desconstrução da arquitetura da supremacia branca, passa pela problematização dos aspectos étnico-raciais como fator constitutivo, na medida em que este se construiu/constrói a partir da construção ficcional-delirante (Mbembe, 2018) do conceito de raça, uma rígida construção social, política, econômica, ontológica e, por consequência, subjetiva.

Assim, processos coloniais como sequestro, escravização, racismo, cristianização/europeização/branqueamento compulsórios se constituíram /constituem como engrenagens articuladas na produção de vidas voltadas pela inferiorização, despotencialização, violência e morte para as subjetividades periféricas (Miranda; Félix-Silva, 2022).

BATER PAÓ PARA EXU PARA TRANSITAR NAS SUBJETIVIDADES ENCRUZILHADAS

Reconheço que a inspiração desta discussão vem das pessoas em situação de rua, que encarnam o ethos da transmutação das entidades de rua e inscrevem seus passos nos encontros e encruzilhadas de caminhos e de vidas marcadas pelas opressões, mas também por suas resistências ativas. Este pensamento veio das *brocações de colete* que recebi da maloca ao bradar para a minha clínica ainda branca-intelectualizada-colonizada-colonizante: *Você escuta as pessoas em situação de rua, mas você consegue escutar a rua?*

Acerca de um certo animismo da rua, Rio (2013) afirma: “A rua era para eles apenas um alinhado de fachadas por onde se anda nas povoações. Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma.” (p. 20). Depois de muito refletir acerca das teorias que eu manejava, percebi



que não há como ouvir a rua sem bater cabeça pra Exu³. Wanderson Flor Nascimento (2020) afirma que as ruas riem, gargalham, deboçam da busca pela pureza ingênua do caminho único, efeito das armadilhas coloniais que investem na des-pluralização de caminhos para despotencializar as movimentações as saídas da/para a vida.

Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! (...) A rua continua matando substantivos, transformando a significação dos termos, impondo aos dicionários as palavras que inventam, criando o calção que é o patrimônio clássicos dos léxicos futuros (João Do Rio, 1908/2013, p. 20).

A branquitude europeia forjou, por meio dos processos de colonização, a criação do mundo ocidental a partir da constituição de uma oposição eu x outro, onde tudo aquilo que não é um “eu” (branco, europeu, cristão) é um “outro”, uma outridade como nos disse Grada Kilomba (2019), não como reconhecimento de uma alteridade, mas como uma não-existência, ausência de virtudes, potência e beleza a partir da sua régua autorreferente e narcísica. Como apontou Fanon (2020): “Sou branco, quer dizer que tenho comigo a beleza e a virtude, que jamais foram negras. Sou da cor do dia...” (p. 44).

Esta condicionalidade da existência, potência, virtude ao pertencimento a um perímetro rígido do universo étnico-racial/cultural/político/geográfico/social europeu, torna “irrealizável” nas sociedades colonizadas não apenas uma ontologia (como estudo do ser), como o disse Fanon (2020, p. 91), mas também uma psicologia (ainda que a

³ Na cosmoepistemologia ioruba, *Esú* como é não só o Orixá guardião das encruzilhadas, mas também simbologia do “princípio dinâmico que medeia todos os atos de criação e interpretação de conhecimento” (Leda Maria Martins, 1998, p. 28-29).



sua criação seja mais recente), posto que aos olhos coloniais a existência de uma alma (*psique*) estava condicionada à cor da pele.

*O colonizador manchou
Os rios daqui
Com sangue negro e
indígena*

*Como poderia aqui
Algum narciso existir?
(Miranda, 2023, p.209)*

Ter que sobreviver em um mundo que nega sistematicamente sua existência, submeteu corpos negros e indígenas ao que Wade Nobles (2009) nomeou como descarrilhamento, onde o movimento da existência continuava, mas fora dos trilhos de um “si” autonarrado e seguia nomeado, descrito pelo olhar daquele que o nega e odeia. Em uma nadificação constante, constituiu-se do não-branco uma dimensão de negação variada: não-existência, não-virtude, não-potência, não-vida para a partir daí se constituir como narrativa aprisionante da(o) negro, indígena como animal, selvagem, perigosa(o) como verdade inquestionável que fundamentou/fundamenta os processos de desafricanização dos africanos e afrodiaspóricos, e desindigenização de indígenas.

Oferto o meu paó para Exu e retorno para as ruas para construir uma concepção de subjetividade baseada nos caminhos, como modo de situar dois modos de subjetivação. O primeiro constituído pelo cenário colonial e fincado no pensamento ocidental enquanto saber universal: as subjetividades enquanto caminhos únicos, ou como brinco na condensação de palavras: do *caminhúnico*. A segunda, existente enquanto herança ancestral que nos fizeram



esquecer e recuperada pelo movimento de sankofa e pelas gargalhadas de Exu: as subjetividades-encruzilhadas.

SUBJETIVIDADE CAMINHÚNICO: DESCOLETIVIZAÇÃO E DESPOTENCIALIZAÇÃO

Frantz Fanon (2020) e Sueli Carneiro (2023) foram fundamentais quando afirmaram que a colonização não submeteu os corpos apenas a um processo macropolítico que se inseriu nas nações, nas terras e territórios físicos, mas também no campo de produção de subjetividades ao submeter os corpos não-brancos-europeus a uma despluralização, descoletivização para forjar um modo (enquanto produto) e um modelo (enquanto formulação teórica) de subjetividade presa a um eu-centralizado, individualizado, idêntico a si-mesmo.

Assim, como afirma Eduardo D. Oliveira (2022) em seu curso *Pós-Deleuze: Em torno da Filosofia Africano-Brasileira*, a filosofia (e mais amplamente o pensamento ocidental) se ergueu a partir de um campo comum, uma compreensão de subjetividade ancorada na figura do indivíduo. Como costumamos provocar, o pensamento ocidental hegemônico é Eurocentrado e Eu-Centrado.

Essas operações ontopolíticas fazem parte do que Geni Ñunez (2021) tem denominado como monoculturas de pensamento, como tarefa primordial de conter as pluralidades, as alianças, as ramificações, as misturas, a diferença em nome do único, do um. A submissão ao único, ao *mono* não se dava como um campo harmônico e consensual de discursos, afetos e atos, mas em uma violência através do recorte das multiplicidades para caber em modelos fechados, a partir dos referentes normativos-morais racistas, machistas, lgbtqiafóbicos, classistas, etc. Obviamente, essa violência se encontra camuflada em discursos bem intencionados, mas são como o disse Estamira



Gomes de Sousa (2004) como uma mão que “joga a pedra e esconde a mão”⁴.

O processo de descoletivização de povos que constituíram suas subjetividades no nós, ou como diria Glissant (2021) na *relação*, não deliberou apenas um movimento filosófico em torno de um conceito universalizado, mas produziu movimentos violentos de despotencialização e mortificação a partir da fissura na dimensão coletiva da subjetividade que atiçava territórios de força e potência. Posto isso, fica nítido que descoletivizar se constituía como fator necessário para instaurar um "eu" separado, cindido, deslocado do "nós".

*Primeiro cê sequestra eles,
rouba eles, mente sobre eles*

*Nega o deus deles, ofende,
separa eles Se algum sonho
ousa correr, cê para ele*

*E manda eles debater com a bala que vara
eles, mano Infelizmente onde se
sente o sol mais quente*

*O lacre ainda tá presente só no caixão dos
adolescente Quis ser estrela e
virou medalha num boçal*

*Que coincidentemente tem
a cor que matou seu ancestral
Ismália- Emicida*

As manifestações de potência que se firmavam/firmam nos encontros de coletividades periféricas enquanto pulsação da afirmação e fortalecimento de um nós-por-nós foram e são perseguidos cotidianamente. Isso é nítido

⁴ Ver mais em Estamira <https://www.youtube.com/watch?v=IcUKONj3HEg>.



desde a perseguição e até a criminalização do samba, da capoeira, da vadiagem e das religiões de matriz africana com atualizações na perseguição do *funk*, das batalhas de rima e *slam* poesia, das perseguições do racismo religioso contra religiões afrobrasileiras.

A imposição de que as *multiplisidades* se reduzissem às perspectivas monomórficas de um Eu central enquanto ponto de partida e como fim-em-si forjou a subjetividade como *caminhúnico* que, ao impor a *rigididade* (Miranda, 2024) fechada em um engessamento de si, desdobra uma interdição de devires, das transmutações, das composições e ancora a vida nos maniqueísmos, dicotomias, dos quais Exu ri e nos ensina a rir (Rufino, 2019).

Nessa redução de *multiplisidades*, cabe lembrar o que Sueli Carneiro (2023) nomeia enquanto negação dos eu's para qualificar a maneira como a raça silencia e até nega todos os outros atributos de uma vida, colocando-se à frente de qualquer outra adjetivação que qualifique as subjetividades racializadas enquanto plurais. Assim os signos "negro" e "índio" (sic.) chegam antes de qualquer outra qualidade. Uma das cenas que ilustram essa dinâmica está presente em uma cena da série *Todo mundo odeia o Chris*:

Olha a testemunha disse:

-- Ele era um homem negro, de pele chocolate, cerca de 2 metros de altura, pesava mais de 100 quilos, tinha olhos castanhos, estava usando um uniforme de escoteiro com boina amarela, ele usava calças escuras e sapatos pretos tamanho 44, e ele tinha um sinal no pulso esquerdo... Ah e ele mancava muito também.

Mas foi isso que o policial ouviu:

-- Ele era negro, e... negro, negro, negro, e negro, negro muito negro mesmo, e usava negro, e mancava muito negro e aqui também negro e.... andava negro.



Se a redução da multiplicidade de caminhos já é, em si, um problema para pessoas que há muito tempo construíram suas vidas com base no Eu-Indivíduo como ponto de partida inventado na Modernidade – como disse Michel Foucault (1999) – que dirá para aquelas(es) em que este Eu foi negado a partir da interdição no não-ser, como nos cita Sueli Carneiro (2023) e a partir da noção de outridade que Grada Kilomba (2019) situa. Assim, a descoletivização e a redução da multiplicidade para a produção das ontologias monológicas ou *monontologias* se produziram de maneira concomitante a uma trama de capturas e interdições através da invasão das terras subjetivas em que semeavam coletividades para impor suas concepções unitárias, suas monoculturas subjetivas, parafraseando Geni Ñunez (2019).

Nesse sentido, é fundamental situar que a imposição do caminho único (eu, ser, monocultura) se dá através do fechamento dos caminhos plurais de vida, onde a pluralidade de caminhos-vida, fugas, saídas, fluxos e movimentos é fechada em vielas, caminhos sem saída para o desejo, as potências, as corporalidades.

O investimento colonial de suas forças no fechamento para ditar 1 caminho, como escopo reduzido de possíveis engessados e repetidos para que o desejo, a liberdade, as narrativas circulem em um terreno circunscrito pela colonização no qual sonhos, conquistas, realidades alternativas e saídas são reduzidos, impedidos, ainda que sejamos obrigados a ouvir pírias narrativas acerca da ilusória democracia racial; que encontram um grande espaço nos modelos de subjetividade transparente (Glissant, 2021) sem cor, classe, gênero e sexualidade amálgama de uma *psique* abstrata dotada de processos psicológicos básicos a-sociais, a- históricos.

A produção deliberada do fechamento dos caminhos plurais em nome das mono-subjetividades se constitui como aquilo que Luiz Antônio Simas e



Luiz Rufino (2019, p. 17) chamam de “carrego colonial”, como operação que mirou/mira violentamente determinados corpos tendo como foco a docilização, a captura das resistências por meio de um sequestro subjetivo que vai desde a organizada desestruturação de todo um povo por meio de métodos diversificados e mortíferos no plano macropolítico, até as tarefas que miravam o desejo, a linguagem, as emoções, a memória.

Exu gargalha, brinca, dança, enfrenta, debocha das farsas coloniais vendidas como universais para olhos vendados. Para não padecermos ao carrego colonial, precisamos aprender com Exu a rir das invenções narradas como naturais, das abstrações forjadas como verdades universais para, assim, traçar outras rotas de pensamento, em movimento, riscando o traçado de outros modos de *corpografar* a subjetividade e, por consequência, a compor clínicas outras.

EXU E AS SUBJETIVIDADES ENCRUZILHADAS

Quando Olodumare fez o mundo

Deu a cada orixá um reino, um posto, um trabalho.

A Exu deu o poder da comunicação

e a posse das encruzilhadas.

Itã ioruba (Prandi, 2001, p. 398)

Ao pensarmos neste conceito de subjetividade encruzilhada não carregamos, de modo algum, qualquer tentativa de supor um ineditismo nesta discussão. Muito pelo contrário, partimos de um movimento de reconhecimento de sabências tão importantes, que a indústria de esquecimento chamada Colonialismo produziu a partir de suas tentativas de construir histórias únicas, como provoca Chimamanda Ngozi Adichie (2019).



A farsa da história única fez/faz com que pessoas negras pensem suas raízes da ancestralidade a partir de um passado iniciado no período da colonização europeia e com a forte marca do período de escravidão. Isso gera um processo (consciente ou inconsciente) de evitação, distanciamento, deturpação das memórias de povos que não foram escravos, foram escravizados, não são pobres por natureza, mas foram empobrecidos pois sempre foram dotados de riquezas materiais, culturais, artísticas, científicas.

Exu não pede licença, nós quem pedimos licença a Exu. Este ensaio se constitui como um ebó epistêmico-metodológico⁵ arriado nas encruzilhadas das bandas de cá para retomar *sankoficamente* uma outra concepção de subjetividade. Aqui retornamos aos caminhos, não mais aqueles despluralizados pelos processos de colonização, mas sim os plurais que enunciam a circulação de fluxos, de potência e ampliação: ires, vires e devires.

Se wo were fi na wosankofa a yenkyi

Não é errado voltar atrás pelo que esqueceste

Provérbio Africano do Sankofa

Voltar atrás para retomar a potência de Exu, dono e morador das encruzilhadas, lugar de encantamento que lhe foi honrado por Oxalufã, depois de 16 anos de intenso trabalho como guardião da casa do orixá *funfum*. Orixá mensageiro que carrega a potência da comunicação entre seres, divindades, intermedia a ligação entre *orun* (mundo divino) e *ayê* (mundo da vida terrena) e é catalisador das comunicações dos orixás com as pessoas. Absolutamente nada se faz sem Exu, sem que o guardião do axé e das encruzilhadas seja alimentado.

Autores que pensaram a subjetividade como processo de produção,

⁵ Parafraçando o conceito de ebó epistêmico de Rufino (2019).



ancorada nos encontros (a exemplo de Espinosa, Deleuze e Guattari), nas forças (a exemplo de Foucault e seus seguidores), na relação (a exemplo de Édouard Glissant) precisavam ter batido cabeça e oferecido um *padê* para Exu, pois dele vem as matérias de pensamento que se desdobram nestas concepções de subjetividade. E é isso que faremos ao arriarmos nosso pensamento nas encruzilhadas de Exu para ousar uma clínica exuística.

Do *quimbundo*⁶ *pambu-a-njila*, a palavra encruzilhada conecta *pambu* atalho e *njila* caminho e do *quicongo* *npambu a nzila*, no qual *npambu* significa encruzilhada e *nzila* caminho, destino, conforme a oralitura de Tiganá Santana (2020) no Yorubantu. A encruzilhada dispara um sentido inicial na constituição desta dimensão da subjetividade a partir do sentido do encontro, entrecruzamento, cruza, cruzamento de caminhos. A subjetividade, portanto, constitui-se como encontro de caminhos (macro e micropolíticos) que produzem, forjam, criam, alimentam modos de existir, ser, pensar, agir, desejar, relacionar.

Portanto, em vez de acreditarmos em uma subjetividade marcada pelos regimes de fixidez, estabilidade, essência, e constituída em um si-mesmo, esta aposta está em uma subjetividade marcada pelos movimentos, circulação, dinamismos, atravessamentos, trocas, interseções em uma gênese da subjetivação engendrada pela cinética das forças, energias, desejos que circulam nos encontros de corpos e vidas⁷ (Simas, 2019).

Sempre em encontros, as vidas têm seus caminhos atravessados por

⁶ Quimbundo/Kimbundo, língua do povo banto falada por povos nas regiões da Angola e Quicongo/Kicongo é uma língua falada pelo povo bacongo nas regiões da Angola, República Democrática do Congo.

⁷ Todas as vezes que a palavra vidas for mencionada, não se deve recair na concepção antropocêntrica que atribui vida aos seres humanos apenas. Aqui parto de uma perspectiva anterior (mas atual nas cosmologias africanas, afro-brasileiras e indígenas) às concepções colonialistas que definem vida como sinônimo de seres humanos (mais especificamente seres humanos brancos, cis, hetero, cristãos, etc). Portanto, as vidas aqui descritas são as divindades, a flora, a fauna, os minerais, os rios, mares e cachoeiras e, também, todas pessoas, independentemente de cor, classe, gênero e sexualidade.



movimentos de naturezas e intensidades diversas, desde os movimentos de intensificação, potencialização que deliberam uma força de afirmação destas vidas até os movimentos de subtração, despotencialização, captura que produzem forças de negação das vidas. A subjetividade se constitui, portanto, neste jogo de movimentos que circulam nos caminhos e envolvem de maneira inseparável corpo, desejo, saberes, emoções, sensações, experimentações.

Os movimentos das subjetividades encruzilhadas comportam nos seus cruzos, a relação dos caminhos macropolíticos para a produção de subjetividades (individuais ou coletivas, inumanas ou humanas) com forças que afetam, modificam, forjam seus modos de ser a partir destas forças macroestruturais, a exemplo do racismo, machismo, da pobreza, da lgbtqiafobia⁸, etc. Mas comportam também as relações de entrecruzamento dos caminhos micropolíticos que articulam movimentos no encontro de corpos, desejos, linguagens, energias que se dão no campo das vivências.

Exuísticas que são, as subjetividades encruzilhadas são marcadas não mais pela busca da segurança, do previsível, da pré-cisão como atributos vendidos como solução, salvação. Ao contrário, as subjetividades encruzilhadas se assentam nos dinamismos, nas multiplicidades, incertezas dos inacabamentos, como situa *A ciência encantada das macumbas* de Simas e Rufino (2018). Cada subjetividade-encruzilhada pode se conectar a outras e outras encruzilhadas em uma formação de conexões variadas e ininterruptas que mira o inacabamento não como fardo, mas como poética da vida em seu movimento de criação-destruição constante.

As encruzilhadas são espaços de circulação de axé, pois como nos narra Oliveira (2021). Exu quem carrega o axé e se encarrega da distribuição do axé

⁸ Apesar da importação de nomear por extenso as múltiplas formas de opressão de gênero e sexualidade: lesbofobia, homofobia, bifobia, transfobia, etc; a título de evitar repetições utilizarei a expressão lgbtqiafobia para expressar essas opressões.



pelos ares, caminhos e corpos. O Axé é a força vital que dá vida às vidas, ou seja, sem axé sem vida. O mestre Muniz Sodré (2017) afirma que o axé é individual e coletivo, pré-individual e impessoal, ao mesmo tempo, mostrando que a força vital do axé circula em vidas além dos humanos, está nas divindades, nos elementos da natureza, nos ancestrais. O axé movimenta a potência da vida, em suas forças e ações, em intensidades e realizações. Pensar em uma subjetividade encruzilhada é pensar no primado do axé como força vital de afirmação das existências plurais.

Em seus estudos acerca das cosmologias banto, Oliveira (2021) afirma que para a cultura banto não opera com a noção do “Ser” como regimento fundamental, pois fala em força. Assim, a realidade encontra concretude nas relações de forças que circulam e animam a vida em campos de agitação de matérias, de relação e encontros de vidas. Portanto, pensar nas subjetividades encruzilhadas é pensar nos movimentos de força que circulam nos encontros, que se afirmam nos movimentos dos entrecruzamentos dos caminhos-vida.

Ademais, Exu é quem encontra ritmo no caos e faz do caos a gênese das criações das transmutações. Enquanto as armadilhas coloniais ensinaram o pensamento a adestrar as diferenças para encontrar consensos, unidades de síntese, Exu afirma o respeito e o desejo pelas alteridades, da diferença (Rufino, 2019). Exu é intraduzível, pois toda palavra que ouse defini-lo racha em suas curvaturas e desvios de sentido, mas se tem um verbo que aproxima Exu do que busco aqui exprimir é o verbo “diferençar”.

As encruzilhadas e suas rupturas de dicotomias e maniqueísmos, afirmam o primado rizomático⁹ do “e...e...e...”, em lugar do “ou... ou...ou...”. Nas encruzilhadas abundam as co-permanências, as simbioses, pluralidades, as

⁹ Referência ao conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (1995) como modo de apresentação da realidade de forma contrário à arborescência unitária (que atribuo ao modo das monoculturas coloniais), pois se centra na multiplicidade, ramificação, descentramento e composição de realidades.



transversalidades e linhas bifurcantes que ramificam possíveis.

AS SUBJETIVIDADES ENCRUZILHADAS E O TEMPO

Exu desafia a temporalidade que conhecemos e o faz ao matar um pássaro ontem com uma pedra que só lançou hoje, pois como afirma Sodré (2017, p. 200) “(...) a ação de Exu não está dentro do tempo, ela o inventa”. Então, em vez de uma perspectiva cronológica do tempo ordenado, pois habita interstícios entre temporalidades distintas em um sopro rasga a lógica determinada que desafia a contiguidade entre passado, presente, futuro pois como diz um famoso itã “Exu nasceu antes que a própria mãe”. Retornamos a Sodré (2017) que afirma “(...) uma vez que Exu, sendo ao mesmo tempo ancestral e descendente, mobiliza a partir do agora o poente e o nascente para se inserir em cada momento do processo de existência individualizada de cada ser” (p. 200).

Dentre as primeiras autoras a discutir o conceito de encruzilhada na universalidade, Leda Maria Martins (2021) nos presenteia com seu riquíssimo pensamento sobre tempo da ancestralidade, como tempo espiralar que permite composições e decomposições, ritos, performances, curvas e *zizezagues*. Assim, no tempo espiralar das encruzilhadas idas e vindas, movimentos cíclicos e de ruptura, transmutações, entradas e saídas em uma dinâmica multicomponencial que não respeita linearidades lógicas (passado – presente – futuro), flutuando e habitando distintas posições, tanto retrospectiva, quanto prospectiva.

(...) um tempo espiralar, que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide. Um tempo ontologicamente experimentado como movimentos contíguos e simultâneos de



retroação, prospecção e reversibilidades, dilatação, expansão e contenção, contração e descontração, sincronia de instâncias compostas de presente, passado e futuro (Martins, 2021, p.204)

Em *Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*, Oliveira (2021) situa que enquanto a modernidade se orienta enquanto um movimento na direção do futuro, nas sociedades tradicionais o tempo se volta para o passado. Diferentemente da visão depreciativa que teorias ocidentais dão ao passado como uma região ultrapassada, da qual aqueles que se voltam estão engessados e encerrados em uma ruminação, o passado para o pensamento africano é referência, onde se encontram respostas na sabedoria ancestral repleta de uma força vital, como força inerente às vidas, força que media relações, impulsiona existências (humanas e inumanas).

*Quanto mais pra trás você bota
o impulso pra jogar a pedra
Mais pra frente ela vai!
(...)
Ancestral é o que permanece
Luiz Antônio Simas*

Assim, toda subjetividade encruzilhada comporta os movimentos de voltar atrás para recuperar forças existentes na ancestralidade, como fundamento constitutivo de vida para as vidas. Distante das divisões clássicas, cada subjetividade encruzilhada permite entrecruzamento entre temporalidades de maneira articulada, dinamizada em interseções entre “início, meio e início”, como afirma Antônio “Nego Bispo” dos Santos (2022, p. 18). Ou seja, os



movimentos dos caminhos da encruzilhada permitem estes movimentos de inclinação, desvios e movimentação entre temporalidades plurais.

Esta ampliação da subjetividade a partir das encruzilhadas de Exu permite que compreendamos a realidade e a vida a partir de dimensões da multiplicidade e não-linearidade como recusa à matriz unitária do caminhúnico. As multiplicidades moventes das encruzilhadas, convocam nossos corpos a uma corpografia clínica que, definitivamente, não é feita em nossos lugares constituídos e nos convocam a levantar e a caminhar, a clínica precisa aprender com Exu a transitar nos e por entre caminhos. Ao transitar nos caminhos, o corpo-clínica é convocado a se deslocar das análises calcadas em posições únicas e fixas, para habitar outras dis-posições e des-posições e a habitar outros espaços-tempo, outros encontros, movimentos sem quaisquer *in-tensões* de hierarquias, moralidade, normatividade.

ENCRUZANÁLISE: PSICOLOGIRAS CLÍNICAS EXUÍSTICAS

Exu não senta no divã, circula

(Miranda, 2023, p. 166)

Situo, de antemão, que não proponho com esta discussão criar uma nova linha teórica como mero capricho ou fetichização, em meio a tantas e tantas perspectivas epistemológico-metodológicas da psicologia clínica. Ao contrário, é um modo de provocar a clínica *psi* a bater cabeça para Exu e reconhecer a potência que advém deste intercessor. Nomeio como encruzanálise a clínica exuística, que não tem aqui qualquer sentido abstrato, transcendente porque é reconhecida tal qual o é, enquanto um saber incorporado, como nos diz Rufino (2019).



Pisando de pé nos chãos do Brasil e(m) seus inúmeros brasis, as cosmopercepções africanas, afrodiaspóricas e indígenas são fundamentais para construir PsicoloGiras¹⁰ Clínicas que *sentipensam* os pés¹¹, como modo de afinar uma ética da singularidade dos saberes localizados (Haraway, 2009) e da capacidade de se movimentar no/por entre os encontros, como nos ensina Exu em sua circulação nas encruzilhadas.

Eis que evocamos a potência antropofágica de Exu em sua face de Enugbarijó, a boca coletiva que tudo come que nos ensina a comer, mastigar, digerir, mas aprender a cuspir, regurgitar diferenças, transmutações com base na coerência epistemológica e ética destes saberes. Esse aprendizado é necessário no campo da clínica que ainda engole a seco teorias circunscritas em cenários particulares, mas repassadas enquanto universais e replicadas em uma mimética quase coreográfica. Enugbarijó nos ensina, ao mastigar saberes, uma tarefa *caos- poiética*¹² que destrói criando, cria destruindo, diferenciando, diferenciando.

Esta aposta clínica tem método, não no sentido hegemônico dado ao termo enquanto um corpo de objetivos (*meta*) estabelecidos previamente que direciona caminhos (*hodos*), mas no sentido dado por Haddock-Lobo (2022, p. 13) que toma o *meta* como um “através de, por meio” do *hodos* (caminho), o que traduz de maneira poética e fidedigna ao chão que pisamos como “abre-caminho”, como tarefa própria de Ogum¹³ em suas demandas e batalhas. Ao tomar os caminhos (*nzila*) como foco da clínica, operamos uma

¹⁰ Inspiração deste neologismo vem de Haddock-Lobo (2022, p.24) que convida a Ontologia para girar e a transforma *numa* “ontologira.” Giras são os nomes dados às sessões de umbanda, iniciam-se com o toque de atabaques, agogôs e os pontos cantados para as entidades iniciarem os trabalhos. O autor tem utilizado a disciplina para problematizar as viradas de eixo que o pensamento precisa operar

¹¹ Referência à frase “A cabeça pensa onde os pés pisam” (Betto, 2007, n.d.).

¹² *Caos-Poiésis* como criação (*poiésis*) que se faz pelo caos, pela fissura, pela ruptura.

¹³ Na nação Ketu Ogum (Ogún) é o senhor das cidades, da tecnologia, da forja do ferro, guerreiro que se lança nas das batalhas. Recebe a denominação de “*asiwajú* (...) aquele que abre os caminhos” (Odé Kileuy & Vera de Oxaguiã, 2009, p. 335).



diferenciação no *ethos* ao convocar a clínica para caminhar, habitar os caminhos, experimentar travessias nas encruzilhadas como fundamento de qualquer análise.

O chão que pisamos mostra que as tarefas coloniais fazem da despluralização de caminhos uma estratégia de desencantamento das vidas, como um destino único que impede, ao mesmo tempo, as análises dos múltiplos caminhos que nos compõem e a criação de saídas plurais e intensivas. Propomos, como contramovimento a este processo, uma clínica que opere nas/com as encruzilhadas de Exu, através de dois modos, a saber: entrada (análise) e saída (intervenção).

A Encruzanálise enquanto análise instrumentaliza a clínica psicológica a mapear quais caminhos se entrecruzam na produção de modos de subjetivação, des-pensando as explicações puramente intrapsíquicas, neurocêtricas, familialistas, nosológicas que embasam a psicologia clínica em uma matriz monológica. Exu nos ensina a des-crer nas monorealidades e nas monosubjetividades e a apostar nas matrizes da multiplicidade enquanto força de invenção de possibilidades (Rufino, 2019).

No primeiro cosmograma da Encruzanálise, há dois tipos de caminhos de constituição da subjetividade, a saber: os *caminhos principais* (ou leitos) que podem estar conectados a *caminhos acessórios* (afluentes) que se articulam na constituição destes modos de subjetivação, permitindo uma análise mais apurada sobre as formas de sentir, pensar, agir, relacionar, corporar em uma perspectiva que permite cruzos, interseções, co-permanências, incidências plurais.

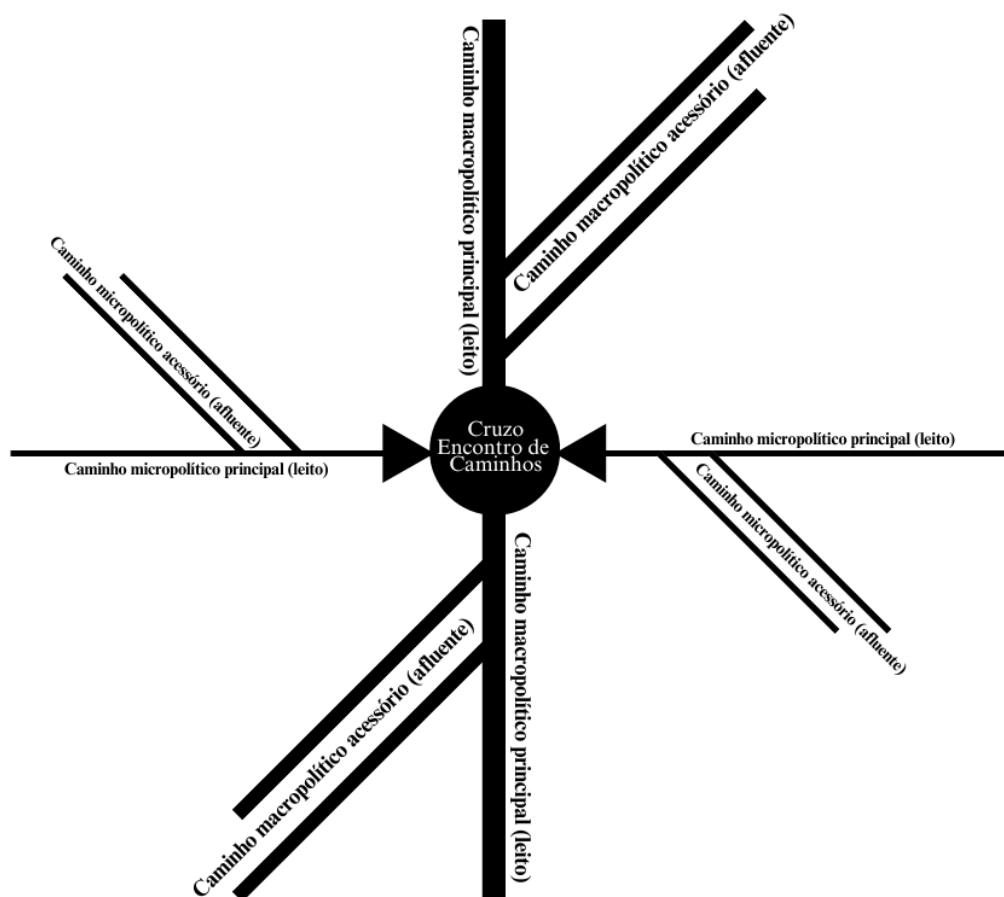


Figura 1 Cosmograma Encruzanálise- Caminhos (leitos e afluentes)

Enquanto a psicologia clínica se divide em matrizes de pensamento disjuntivas (individual x coletivo, inconsciente x consciente, social x desejante), Exu nos ensina a quebrar dicotomias e traçar rotas no *entre*, compondo interseções, simbioses, trocas, em contraposição às perspectivas que escolhem um campo de análise através da exclusão de outros. Assim, a encruzilhada enquanto entrada permite a ampliação das análises clínicas para processos plurais que se entrecruzam na produção de processos de subjetivação, desde os caminhos macropolíticos que envolvem processos estruturais-estruturantes aos caminhos micropolíticos que se situam no campo

dos encontros e co-engendram modos de vida em suas articulações.

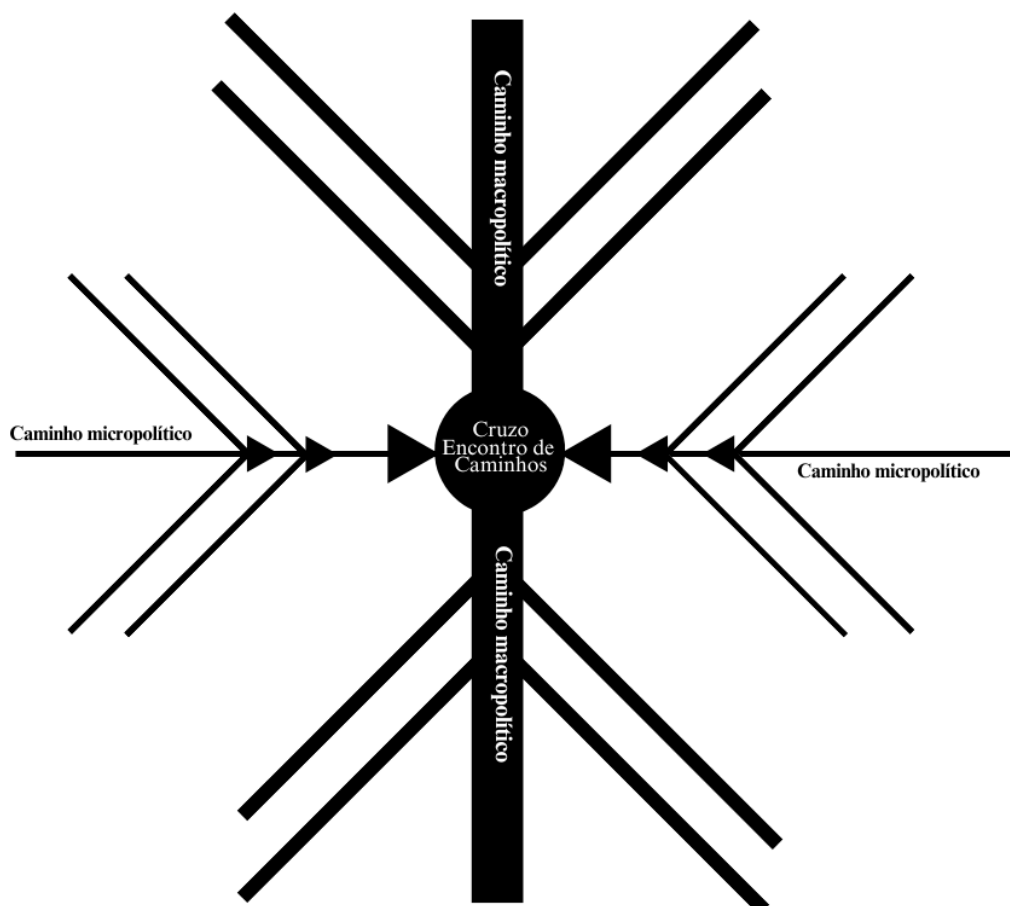


Figura 2 Cosmograma Encruzanálise entrada (Análise)

Esta análise acompanha a noção de forças das cosmologias banto, pois permite compreender de que maneira determinados caminhos são intensificadores ou redutores da força vital que habita as inúmeras vidas. Isso não apenas constitui um mapeamento dos movimentos e forças que circulam nos caminhos, mas também se firma como *ethos* de afirmação do que intensifica e potencializa a força vital e uma fissura do que subtrai a subtrai.

Este cosmograma permite à clínica superar as ilusões monológicas para



apostar nas esferas de constituição das subjetividades e das realidades a partir dos processos de intercessão, co-produção, atravessamentos que devolvem a dimensão da multiplicidade da vida que foi usurpada pelos processos de colonização em sua despotencialização dos corpos e das análises.

Enquanto clínica exuística, a Encruzanálise é, necessariamente, uma clínica da produção e intensificação de axé nas vidas. Para isso, às vezes é necessário também lançar nossos pés a pisar nas brasas do que engessa, impede, interdita o axé nos corpos. Ou seja, o que produz desencantamento, seja no âmbito macro, seja no âmbito micropolítico. Eis que emerge a própria multiplicidade que é Exu, pois ele consegue ser, *num* mesmo corpo, dança, abraço, gargalhada como também ser rasteira, golpes, rasgos e fissuras. Sim, se necessário, a clínica precisa puxar sua navalha para desferir golpes em forma de intervenção (verbal, corporal, afetiva) para rachar as duras camadas que impedem a potencialização do axé que rege as vidas.

Em meio às monorrealidades, urge a necessidade de ampliar caminhos, pluralizar possíveis, inventar – ou dizendo nos termos de iansã¹⁴ – *inventaniar* saídas para a vida aprisionada no caminho único. Estas saídas não estão prontas em um baú empoeirado com soluções ou técnicas-truques universais, são co-criadas conforme a singularidade de cada subjetividade-encruzilhada em seus movimentos de resistência. A farsa da saída única possível instrumentaliza campos de dominação fantasiados de “salvação”. Propomos, por outro lado, a clínica exuística como ativação da criação/co-criação nas subjetividades a capacidade de experimentar plurais saídas de diferentes naturezas, intensidades, modalidades.

Cada saída precisa ser experimentada a partir de um questionamento

¹⁴ Orixá também conhecida como *Oyá*, deusa do rio Níger, senhora dos ventos, mãe da noite- *Iya* (*o*)*san* é a divindade africana que ordena os ventos. Seu *ventaniar* é capaz tanto de destruir, quanto de produzir movimento e atizar criações. (Odé Kileuy e Vera de Oxaguiã, 2009).



ético-estético-político-cosmológico que convoca questionamentos nessa direção: Que modos de vida, intensificação da força vital, reencantamento da vida, circulação de axé, desobstrução das armadilhas coloniais esta saída produz? A resposta a essa pergunta não é, de forma alguma, normativa, pois Exu faz o erro virar acerto e o acerto virar erro. O fio condutor desta pergunta é a capacidade de habitar o plano da singularidade, no qual cada vida é analisada a partir das forças que a constituem, podendo seguir na experimentação das saídas, mas também abandonar, cuspir longe. A depender de quais modos de vida estas saídas podem produzir.

Apesar de serem representados imagetivamente com linhas retas, na realidade os caminhos carregam suas curvas, desvios, sinuosidades próprias da imprecisão da vida, que tem seus caminhos em formas, espessuras e porosidades diferentes. O que se desdobra em distintas intensidades de força circulando e afetando as vidas. As saídas foram divididas em individuais e coletivas, mas é preciso situar: 1) a palavra individual só foi utilizada para fins didáticos, por não concordarmos com o conceito de indivíduo e posto que acreditamos no que canta Sued Nunes¹⁵ somos povoados, somos um(a) mas não andamos/somos sós; 2) a representação da figura não pressupõe um “ou individual, ou coletiva”, pois cada vida pode criar saídas para si que no movimentar dos caminhos se ramificam em saídas coletivas e vice-versa.

¹⁵ Ver mais em <https://www.youtube.com/watch?v=dIFzUVxAb8c>

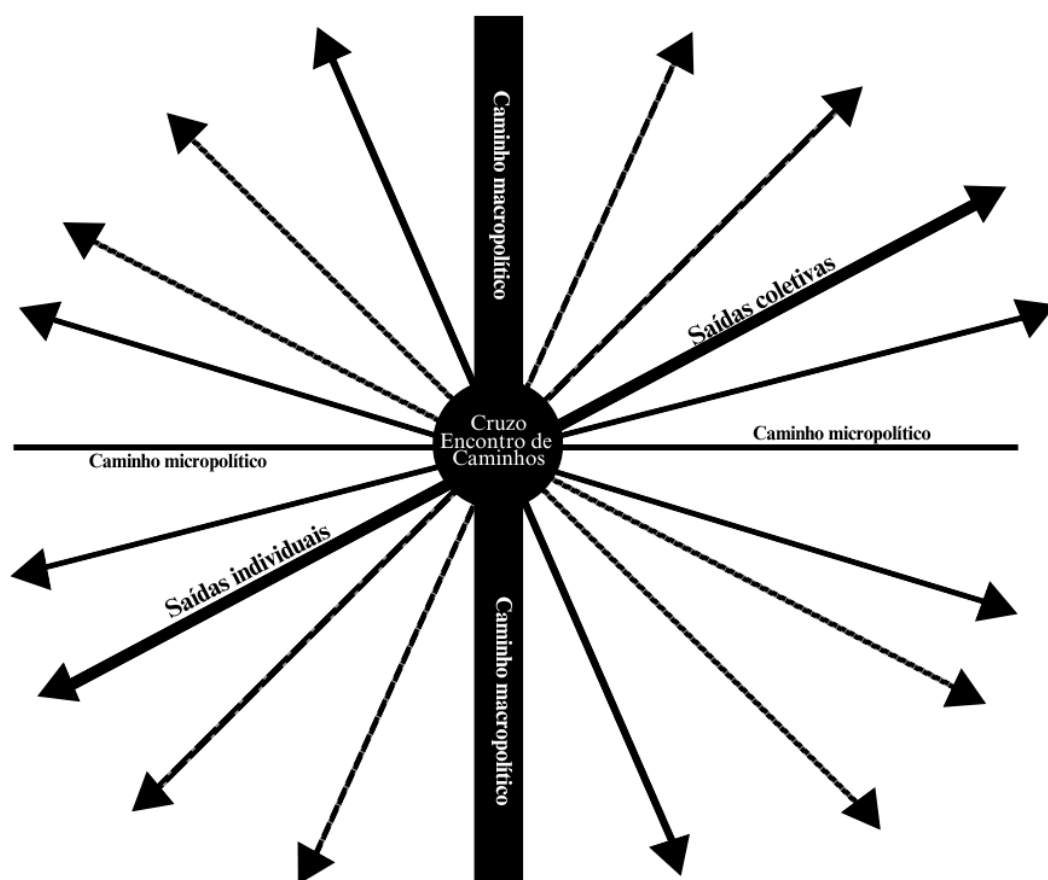


Figura 3: Cosmograma Encruzanálise saída (intervenção)

Quando Olodumare fez o mundo

(...)

*A Ogum deu o poder da forja, o comando da guerra
e o domínio dos caminhos.*

Itã ioruba (Prandi, 2001, p. 398)

As saídas coletivas pressupõem tanto o entrecruzamento das subjetividades encruzilhadas com outras e outras subjetividades encruzilhadas, em um processo assentado na recoletivização da vida que nos foi roubada,



quanto sua articulação com outros processos de produção de vida como a arte, cultura, educação, a espiritualidade, a política, etc. Esse processo destrona as noções hegemônicas de uma psicologia clínica baseada majoritariamente na individualização e antropocentrismo, focada na pessoa como origem e fim, o que silencia conexões coletivas e na superação do humano como centro.

A sabedoria do samba de roda de Roberto Mendes na voz marcante de Maria Bethânia em *Yáyá Massemba* encanta: "Vou aprender a ler pra ensinar meus camarada". Isso nos lembra de que não existe descolonização individual, pois a libertação só se constrói no "nós". Afinal, nós somos (e só somos) porque nós somos, a lembrar da provocação ubuntuística de Luís Augusto Ferreira Saraiva (2019) ao deslocar a tradução de ubuntu de "eu sou porque nós somos" para "nós somos porque nós somos! A potência da pluralização dos caminhos não se diminui quando é dividida, é ampliada quando se transforma em um nós, como diz poeticamente Antônio "Nego Bispo" dos Santos (2023, p. 10):

Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida. De fato, a confluência, essa palavra germinante, me veio em um momento em que a nossa ancestralidade me segurava no colo. Na verdade, ela ainda me segura! Ando me sentindo no colo da ancestralidade e quero compartilhar isso.

O cosmograma da Encruzanálise enquanto Saída aponta para a dimensão de intervenção da clínica, com intuito de fissurar os caminhúnicos fechados, o que se afina com a tarefa de Ogum enquanto orixá que aprendeu a arte da forja e do domínio do ferro, produz ferramentas que nos auxiliam a



romper caminhos fechados e a abrir caminhos outros. Portanto, a clínica precisa gingar entre o habitar nas encruzilhadas tal qual Exu e abrir novos caminhos de vida, tal qual o faz Ogum.

No Congresso Internacional Yorubantu, Rufino (2020) menciona o complexo poético de Ifá, no Odù Ifá Oseturá que menciona que Orunmilá foi ao palácio de Olodumare para pedir que ele permitisse que *Exu Elegbara* fosse seu filho. Mesmo advertido que aquele menino seria para ele um grande problema, o adivinho Orunmilá insistiu que Elegbara fosse seu filho. Elegbara tinha uma fome insaciável e comia tudo ao seu redor, plantações, animais, pessoas, inclusive sua mãe. Preocupado, Orunmilá retorna a Ifá que o orientou a fazer um ebó e o presenteou com um facão, com a indicação de Ifá de que ele saberia o que fazer com aquele objeto.

Ao se reencontrar com Elegbara com uma barriga enorme de tanto comer, o mesmo continua a bradar sua fome e pede para comer o próprio pai, eis que se inicia um embate entre pai e filho e Orunmilá desfere inúmeros golpes de facão em Elegbara, e cortado em inúmeros pedaços, cada pedaço se transformava em um novo Exu, afirmando a imagem de Yangí: exu ancestral. Depois de se ver perdendo inúmeros pedaços, Elegbara propõe um acordo ao pai para parar com aquele ato, Orunmilá propõe que o filho devolvesse tudo que comeu e assim o fez, mas devolveu tudo de maneira transformada e, assim, manifesta sua face de Enugbarijó a boca coletiva. A boca que mastiga, engole, devolve enquanto diferença, enquanto manifestação de axé, de encantamento.

Retorno a Exu, em suas duas faces acima descritas: Yangí e Enugbarijó. Enquanto Yangí, Exu potencializa a clínica para produzir na subjetividade a capacidade de carregar em cada vida os muitos de si que se afirmam enquanto o diferenciar, como um outrar¹⁶. Sem Exu não há devir, pois está nele o

¹⁶ Verbo criado por Fernando Pessoa para se referir ao tornar-se outro.



fundamento da força da transmutação de cada um(a). A clínica que arria sua escuta como um ebó ético-estético-político para Enugbarijó cria modos de devolver diferenças, mutações a tudo que mastiga no encontro com as subjetividades. Não há clínica exuística que não deseje devolver multiplicidades, mesmo quando mastiga modos unitários de ser, pensar, sentir, agir, relacionar.

PODE A CLÍNICA PSICOLÓGICA GINGAR?

Inspirado nas formulações de Rufino (2019), situo que a encruzanálise é uma clínica que ginga enquanto saber-movimento que consegue fazer dança, defesa, esquiva e ataque coexistirem no balanço dos corpos. Convidar a clínica para gingar é deslocá-la dos seus movimentos rígidos e repetitivos e desdobrar movimentos inventivos de experimentação de outro *ethos* que não se faça pela rigidez da posição fixa, mas pela criatividade do corpo-invenção. Se as encruzilhadas destroem o império da ilusão de certezas e apresenta o acontecimento enquanto manifestação do imprevisível, do dinamismo, da diferença como gênese de realidades, só a ginga permitirá as movimentações plurais e mutantes a depender dos movimentos de forças.

Parafraseando a clássica frase do Foucault (1996, p.11) “Não imagine que seja preciso ser triste para ser clínico, mesmo que a coisa que se combata seja abominável. É a ligação do desejo com a realidade que possui uma força revolucionária”. Mesmo se tratando de uma análise-intervenção que, necessariamente, incide sobre processos de dominação, submissão, violência e desencantamento a encruzanálise não deixa de ser uma prática ancorada na alacridade enquanto processo de afirmação da existência por uma alegria enquanto estética da existência (Sodré, 2017).

Isso não significa, de forma alguma, que a alacridade retire da clínica sua



responsabilidade ético-política sempre atenta aos carregos cotidianos de uma colonização que atualiza e diversifica caravelas discursivas e práticas, mas situa que é possível permitir que a alegria mobilize as vidas em sua estratégia de afirmação do encantamento, do axé mesmo em meio às armadilhas coloniais. Exu trabalha gargalhando, gargalha trabalhando para fissurar as dicotomias coloniais entre trabalho e festa, entre alegria e seriedade.

Mas a ginga também precede os golpes, as rasteiras, as resistências corporadas como aprendemos na capoeira. E a encruzanálise aprende com Exu a ser movimento, alegria, dança, gargalhada, mas também ser rasteira, martelo dado com força para fazer ruir os edifícios coloniais. Afinal, uma clínica para ser exuística precisa matar o mundo colonial ontem, com uma pedra que só lançamos hoje. Laroyê Exu! Exu é Mojubá.

Maylla Monnik R. S. Chaveiro (2023) situa a Psicologia Clínica Afrocentrada enquanto um campo de muita fertilidade para a prática de sankofa, através do qual o retorno ao passado ancestral se substancia como fundamento para o presente e o futuro. Nesse sentido, o retorno da Encruzanálise a Exu se constitui como prática sankófica ao buscar na ancestralidade exuística o fundamento das construções de outros caminhos para a vida das pessoas negras.

Em nosso eterno retorno a Exu, fazendo-nos "começo, meio, começo", como afirma o saudoso mestre Nego Bispo (2023). Exu foi apresentado nesse escrito enquanto um saber incorporado, praticado na cotidianidade – como nos ensina Rufino (2020). Assim, neste ensaio evocamos Exu como um saber, uma *práxis* e sobretudo como um *ethos* (ou melhor como um *co-ethos*, pois se pratica necessariamente na relacionalidade) e como um método, em que o sufixo *hodos* vira mote principal da compreensão da vida como encontro de caminhos, assim como disparador de uma prática de abertura de caminhos. Não há vida sem caminho, não há caminho sem vida! Viver aqui é abrir novos



caminhos de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BETTO, Frei. **Dez Conselhos para os Militantes de Esquerda**. [Blog] 2007 Jul 2015. Disponível em: <https://ba.cut.org.br/noticias/com-conselhos-frei-betto-provoca-a-militancia-de-esquerda-74b4>. Acesso em: 15 nov 2021.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. Psicologia africana e clínica afrocentrada: estratégias e ferramentas metodológicas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, 16 (Edição Especial), 2023. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1590>. Acesso em: 16 out. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem faz a psicologia brasileira?: um olhar sobre o presente para construir o futuro: formação e inserção no mundo**



do trabalho. Volume II: condições de trabalho, fazeres profissionais e engajamento social. Brasília: CFP, 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs.** São Paulo: Editora 34, 1995.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V. I (Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise).** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.

FOUCAULT, Michel. O Anti-Édipo: uma introdução à vida não-fascista. **Cadernos da subjetividade**, número especial, p. 197-200. São Paulo, 1996.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Abre-caminho: Assentamentos de metodologia cruzada.** Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2022.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7–41, Campinas, 2009. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>>

Acesso em: 16 out 2024.



KILEUY, Odé; OXAGUIÃ, Vera. **O candomblé bem explicado (Nações Bantu, Iorubá e Fon)**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2009.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: Poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MIRANDA, Deivison. *Encruzanálise: clínica das encruzilhadas com subjetividades periféricas* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Delta do Parnaíba. 303 f, 2023.

_____. À esquizoanálise não basta ser anti-édipo, é preciso ser anticolonial IN: *Ética e política contracolonial*. Lemos, F. et al., GALINDO, D., BICALHO, P., LIMA, A., BARROS, J., BENELLI, S., JÚNIOR, M., NETA, F. (organizadores) – Curitiba: CRV, 2024.

MIRANDA, Deivison., & FÉLIX-SILVA, Antônio. As subjetividades periféricas e os impasses para a descolonização da clínica psicológica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42 (n.spe), 1-12. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003264143>, 2022.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho; NEVES, Edwiges de Oliveira. O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. **Psicologia: ciência e profissão**, 27 (4), pp. 608-621, 2007. Disponível em:



<https://www.scielo.br/j/pcp/a/BBv99MqzHbTRwVHprgvvR6P/?lang=pt>. Acesso em: 14 out 2024.

NASCIMENTO, Wanderson Flor. Das filosofias vagabundas. Em: SIMAS, L.; RUFINO, L.; HADDOCK-LOBO, R. (Orgs.) **Arruaças: uma filosofia popular brasileira**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

NASCIMENTO, Fernando A. Figueira; MANDELBAUM, Belinda Piltcher Haber. A invenção da norma: a psicologia na Liga Brasileira de Higiene Mental. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.27, n.4, out.-dez. 2020, p.1149-1167. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/W35yWWDpbsVyNMRBhBQZSLw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 10 out 2024.

NOBLES, Wade. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: Nascimento E. [org] **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NOGUEIRA, Simone Gibran. **Libertação, descolonização e africanização da psicologia: breve introdução à psicologia africana**. São Paulo: Ed UFSCAR, 2019.

ÑUNEZ, Geni. Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. **Revista ClimaCom**, 8 (21), 1-8, 2021. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2021/12/GE NI.pdf>. Acesso em: 10 out 2024.



OLIVEIRA, Eduardo David de. **Pós-Deleuze: Em torno da Filosofia Africano-Brasileira**. Instituto Mathema, Curso, 2022. Disponível em: <https://institutomathema.com.br/produto/o-pos-deleuze-em-torno-da-filosofia-a-fricano-brasileira/#:~:text=O%20P%C3%B3s%20Deleuze%3A%20em%20torno%20da%20Filosofia%20Africano%20Brasileira,a%20realidade%20%C3%A0%20qual%20pertencemos>. Acesso em: 07 jul 2024

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Cosmovisão Africana no Brasil: Elementos para uma filosofia afrodescendente**. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2021.

PRANDI, Reginaldo. **A mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. [7a. ed.]. São Paulo: Editora Saraiva, 2013. (trabalho original publicado em 1908).

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RUFINO, Luiz. **Yorubantu: Caminho sobre caminho: epistemologias das encruzilhadas**. [youtube]. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1Wki3SL-2hw&t=3931s>. Acesso em 06 ago 2024.

SANTANA, Tiganá. **Yorubantu: Caminho sobre caminho: epistemologias das encruzilhadas**. [youtube] 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Wki3SL-2hw&t=3931s>. Acesso em 06 ago 2024.



SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Início, meio, início. In: Santos, A.; Rodrigues, M.; Rufino, L., Mumbuca, [orgs.] **Quatro Cantos**. São Paulo: n-1 Edições/Roça de Quilombo, 2022.

SANTOS, Elisabete Figueroa dos. Rumos e percursos da descolonização do pensamento psicológico: subsídios a partir de Brasil, Estados Unidos e África do Sul. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, 16 (Edição Especial), 2023. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1649>. Acesso em: 16 out 2024.

SARAIVA, Luís Augusto Ferreira. O que e quem não é Ubuntu: crítica ao “Eu” dentro da filosofia Ubuntu. **Problemata: R. Intern. Fil.** 10 (2), 93-110, João Pessoa, 2019.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **A ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Flecha no tempo**. São Paulo: Mórula Editorial, 2019.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017

SOUSA, Estamira Gomes de. *Estamira* [documentário] In: Prado, M (diretor) Rio de Janeiro: Zazen Produções/RioFILME 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IcUKQNj3HEg>. Acesso em 09 out 2024.



Recebido em: 30/10/2024

Aprovado em: 04/09/2025